



ESTADOS UNIDOS

Ataque racista de Trump a Obama

Presidente posta na própria rede social um vídeo em que o antecessor e a mulher são caracterizados como macacos. Casa Branca remove a publicação e fala em "erro de um funcionário", mas não impede protestos, inclusive de governistas

Uma postagem em rede social, de conteúdo racista e tendo como alvo o antecessor Barack Obama, custou ontem a Donald Trump uma onda de indignação que se espalhou dos Estados Unidos pelo mundo, e exigiu da assessoria da Casa Branca um exercício de contorcionismo retórico para minimizar o incidente e — mais importante — eximir o presidente de responsabilidade. Ao fim de um vídeo com duração de cerca de um minuto, os rostos do ex-presidente e da mulher, Michelle Obama, aparecem montados sobre a imagem de macacos, ao som de uma música da trilha do filme de animação *O rei leão*.

A publicação foi retirada depois de passar mais de 12 horas em exibição, da noite de quinta-feira até o início da tarde seguinte. Foi o bastante para provocar repúdio generalizado entre a liderança do Partido Democrata, de Obama, mas motivou uma declaração contundente do único senador negro eleito pelo Partido Republicano, de Trump. Como parte do empenho para apagar o incêndio político, um funcionário atribuiu a publicação a um "engano" da parte de "um funcionário da Casa Branca". O meme foi postado na conta pessoal do presidente em sua rede, a Truth Social.

Até o início da noite, o casal Obama não tinha se manifestado sobre a ofensa. Em nome de Trump, a porta-voz Karoline Leavitt preferiu criticar os adversários pela reação a uma publicação que considerou irrelevante, inclusive do ponto de vista do noticiário. "Trata-se de um vídeo de meme da internet que mostra o presidente Trump como o Rei da Selva e os democratas como personagens de *O rei leão*", afirmou, em comunicado endereçado à agência de notícias France-Presse. "Por favor, parem com a indignação falsa e noticiem algo que realmente importe para o público americano."

Fogo cerrado

A reação da equipe de Trump se chocou contra o fogo cerrado de opositores e até governistas nos círculos políticos. O governador da Califórnia, Gavin Newsom, democrata e possível

Mandel Ngan/AFP-9/1/25



Barack Obama e o sucessor na homenagem fúnebre ao ex-presidente Jimmy Carter: ofensa racial e desavenças políticas



Rezo para que isso seja falso, porque é a coisa mais racista que já vi sair desta Casa Branca"

Tim Scott, senador republicano

candidato à presidência em 2028, condenou o "comportamento repugnante" do presidente e provocou os adversários a acompanhá-lo: "Todo republicano deveria denunciá-lo. Agora".

O único senador negro da banca da governista, Tim Scott, tido como aliado de Trump, não mediu palavras nem escondeu o constrangimento. "Rezo para que isso seja falso, porque é a coisa mais racista que já vi sair

desta Casa Branca", escreveu na rede social X. "O presidente deveria retirar isso." O colega de bancada Roger Wicker adotou a mesma linha: classificou a publicação como "totalmente inaceitável" e aconselhou Trump a "retirá-la e pedir desculpas".

Entre os políticos mais próximos ao ex-presidente e à mulher, o ex-assessor de Segurança Nacional Ben Rhodes recorreu a uma comparação direta entre o ex-primeiro-casal e o atual governante. "Os americanos do futuro vão abraçar os Obama como figuras queridas, enquanto ele será estudado como uma mancha em nossa história", postou no X.

Montagem

Fiel ao estilo provocativo que adota nas redes sociais, com ainda maior intensidade no primeiro ano do atual mandato, Trump recorreu a imagens geradas por inteligência artificial para o ataque racial ao antecessor e desafio político. Tomou por base uma peça de um minuto, conhecida pelos usuários da internet, na qual denuncia

uma fraude eleitoral — jamais comprovada — de que alega ter sido vítima na disputa presidencial de 2020, quando foi derrotado por Joe Biden. O vídeo original mostra o atual presidente na figura de um leão, como "rei da selva", enquanto os rostos de diferentes políticos da oposição democrata são montados no corpo de animais que reverenciam o "rei da selva". Na postagem de ontem, os Obamas aparecem no segundo final, como macacos, ao som da canção *The lion sleeps tonight*, que integra a trilha sonora da animação da Disney.

Obama, único presidente negro na história dos EUA, antecedeu Trump, a quem passou o poder após a eleição de 2016. Quatro anos mais tarde, foi peça-chave para a vitória de seu vice, o democrata Joe Biden, que impediu a reeleição do republicano, mas em 2024 desistiu da disputa em favor da então senadora Kamala Harris, derrotada pelo magnata. Trump iniciou a carreira política impulsionando a teoria conspiratória, racista e falsa, do "birther", segundo a qual Obama não teria nascido nos

EUA — e, portanto, não estaria habilitado a ocupar a Casa Branca.

Brasil

A Educafro Brasil, entidade da sociedade civil que atua na promoção da igualdade racial, no Brasil e no exterior, divulgou carta aberta, endereçada à Embaixada Brasileira em Washington, na qual manifesta "veemente repúdio" à postagem do presidente norte-americano. A organização insta a embaixadora Maria Luiza Viotti a "registrar oficialmente o repúdio do Estado brasileiro" ao que classifica como "atos racistas que ferem a dignidade do povo negro mundial e ofendem a imagem do ex-presidente Barack Obama e de Michelle Obama".

O texto pede também à representante brasileira que "reafirme, nos espaços diplomáticos cabíveis, o compromisso do Brasil" com o combate ao racismo. "Nós, afro-brasileiros, não aceitamos que o nosso governo fique calado, solicitamos um posicionamento firme."

Protesto na Itália

A cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Verão, em Milão, foi acompanhada por uma manifestação de centenas de pessoas contra a política de imigração dos Estados Unidos e a presença, na cidade-sede italiana, de um destacamento do ICE, a agência federal norte-americana que move uma perseguição implacável a estrangeiros em situação irregular desde a posse de Donald Trump, em janeiro de 2025. Estudantes de universidades e colégios se reuniram diante do edifício Politécnico para repudiar as ações do ICE em Minneapolis, nas últimas semanas, e protestar contra o vice de Trump, JD Vance, que prestou uma solenidade.

"Tudo isso é inaceitável para nós", declarou à agência de notícias France-Presse Leonardo Schiavi, um dos manifestantes. Outro participante do ato, Giacomo Calvi, sem declarou contrário "à política anti-imigração que comete todo tipo de atos de violência nos EUA". Manifestação com o mesmo teor ocorreu em um bairro popular próximo ao estádio San Siro.

Questionado pela oposição de esquerda, o governo direitista da primeira-ministra Giorgia Meloni garantiu que os agentes do ICE não terão nenhuma capacidade operacional em território da Itália. O Comitê Olímpico Internacional e o afiliado italiano não se manifestaram sobre a controvérsia.

Antes da cerimônia, Meloni e Vance tinham se encontrado e exaltado os "valores comuns" entre os dois países e governos. "A última vez que te vi em Roma foi por ocasião da eleição do novo papa (em maio)". lembrou a anfitriã. "Hoje, nos encontramos para os Jogos Olímpicos. São dois eventos que testemunham os valores que unem a Itália e os EUA, a Europa, a civilização ocidental." O vice de Trump elogiou "o espírito dos Jogos Olímpicos, a amizade e a competição, baseada em regras e na união em torno de valores comuns".

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Geopolítica na era Trump

Há algo mais que o simples cálculo eleitoral na cautela ostensiva exercitada pelo presidente Lula em tudo que possa produzir alguma perturbação nas relações com Donald Trump. Para lá da "química" — que não pode ter efeito para sempre —, pesa a geopolítica. O horizonte vai além de outubro, mas passa, já no início de março, pelo encontro a dois marcado para Washington.

Lula, o candidato, trabalha para ser reeleito. Assim como os estrategistas de campanha, sabe que a política externa subirá no palanque. E, nessa área, o campo é minado. Venezuela, acordo Mercosul-União

Europeia, a "ONU paralela" de Trump: em cada qual se escondem armadilhas. Em quase todas, a boa relação tecida até aqui com a Casa Branca será fator determinante na escolha das palavras — e dos atos.

Mas o presidente (eventualmente) reeleito terá por diante quatro anos para seguir governando em um ambiente que mudou substancialmente em relação a janeiro de 2023. Durante metade desse período, ao menos, vai contracenar com o imprevisível regendo a Casa Branca.

Vento contrário

Um desenho eloquente saiu das urnas na última safra de

eleições na vizinhança mais próxima: a América do Sul pende para a direita. Mais precisamente, pende para Trump e sua agenda calcada no resgate da Doutrina Monroe — aquela, do século 19, que afirma a hegemonia dos EUA no Hemisfério Ocidental.

O Mercosul tem hoje três dos cinco sócios com presidentes alinhados ao trumpismo: a "caçula" Bolívia, o Paraguai e, sobretudo, a Argentina de Javier Milei. Afinado com a política brasileira, apenas o Uruguai. O Chile vem de dar posse a Antonio Kast, pinochetista sem disfarces. Em maio, Gustavo Petro fecha o mandato na Colômbia, e as pesquisas favorecem a direita.

Nesse quadro, o rumo da Venezuela no pós-Maduro assume importância exponenciada. Encontrar o tom adequado entre Trump e a presidente interina, Delcy Rodríguez, é — e será — exercício concentrado de pragmatismo.

Mãos inversas

Razões semelhantes e coincidentes conduzem a movimentos opostos às políticas externas dos EUA e do Brasil.

Trump, em seu corolário para a Doutrina Monroe, identifica na América Latina — o "quintal", como é visto em setores do Departamento de Estado — o terreno onde se travam as batalhas imediatas em defesa de uma hegemonia global ameaçada pela China. Mas a lógica implacável dos fatos obriga a Casa Branca, no momento, a fazer foco no Oriente Médio, em especial no Irã.

Lula retornou ao Planalto, em 2023, decidido a relançar os planos de inserção do país no mundo multipolar em gestação. Mais notadamente nos primeiros dois anos, colocou ênfase nas presidências do G20 e do Brics — sem falar na realização da COP em Belém. A investida eleitoral do trumpismo na

América Latina forçou uma retirada prudente nos assuntos globais.

De lado

Um dos bons exemplos é a ambiguidade sutil na resposta ao convite para associar o Brasil ao Conselho de Paz, a "ONU de Trump". Enquanto não for colocado contra a parede, o governo brasileiro seguirá "andando de lado".

O cara a cara de março talvez deixe mais claro até quando vai ser possível.

Ao redor

Outro ponto focal para a relação bilateral, com potencial para frequentar o cardápio do encontro em Washington, é a manobra de asfixia empreendida pelos EUA contra Cuba a partir da intervenção na Venezuela. A batuta está nas mãos do secretário de Estado, Marco Rubio, um cubano-americano que

construiu a carreira política (na Flórida) em campanha para varrer da ilha o regime comunista — que se aproxima de completar 70 anos.

Por laços históricos e mesmo pela aspiração de liderar a região, o governo Lula é desafiado — pelos fatos — a agir. O petróleo venezuelano, crucial para o cotidiano, está embargado por Washington. Os estoques se esgotam à vista dos cubanos, que passam os dias buscando gasolina e as noites gastando velas. Foi sem eletricidade para aquecimento que enfrentaram mínimas recordes na casa de zero grau, nos últimos dias.

Novamente por perspectivas distintas, Cuba sofre ilhada, enquanto Brasil e EUA se mantêm ao redor.

Férias

A semana que entra dá início a um período de férias. A Conexão estará de volta no sábado 14 de março.